

Desafios da Interseccionalidade em Gênero, Ciência e Tecnologia*

Maria Conceição da Costa**
Rebeca Buzzo Feltrin***

Resumo

Este texto reflete sobre os avanços alcançados e desafios ainda vigentes na discussão sobre as inter-relações entre gênero, ciência e tecnologia (GC&T). O contexto do evento comemorativo dos 20 anos do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu foi um ambiente propício para tal debate, permitindo que fizéssemos um exercício coletivo de análise sobre a trajetória desse campo temático no Brasil e no exterior e, especialmente, sobre a importante contribuição do Pagu nas últimas décadas.

Palavras-chave: Gênero, Ciência, Tecnologia, Pagu.

* Recebido para publicação em 29 de fevereiro de 2016, aceito em 22 de março de 2016.

** Professora do Departamento de Política Científica e Tecnológica da Unicamp.

*** Pesquisadora colaboradora do DPCT/Unicamp e pós-doutoranda da Fundação Oswaldo Cruz

Introdução

Este texto apresenta as principais discussões levantadas na Mesa “Desafios da Interseccionalidade em Gênero, Ciência e Tecnologia”¹ que integrou as atividades do Seminário Internacional “Repensando Gênero e Feminismos”, em comemoração aos 20 anos do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu. O momento da comemoração de uma instituição de peso e que vem formando inúmeros profissionais no decorrer dos anos, como é o Pagu, nos permitiu um exercício sociológico sobre o que continuamos fazendo até hoje, depois de duas décadas, e o que faremos no futuro. E nesse sentido, nada mais adequado do que refletir sobre as inter-relações de gênero, ciências e tecnologias que são constitutivas da vida moderna.

As reflexões sobre as ciências e tecnologias enquanto construções sociais vêm já há algum tempo questionando as interpretações que consideravam tais atividades como construções objetivas e racionais, à parte das relações sociais. É crescente o número de historiadoras, sociólogas, antropólogas, biólogas, entre outras – todas feministas – que apresenta uma produção expressiva de crítica às ciências e tecnologias, incorporando perspectivas de gênero nesse debate.

Desde os anos 1990, quando essa temática já estava institucionalizada no mundo anglo-saxônico, mas era ainda pouco reconhecida no país, o Pagu abriu-se a essa linha de investigação que, ainda hoje não está entre as correntes principais dos estudos de gênero, particularmente no Brasil. Entretanto, as pesquisadoras do Pagu, rapidamente, reconheceram que a relação entre gênero e ciências (mais do que tecnologias) trazia um aporte importante para os estudos de gênero. Assim, o Pagu acolheu ao longo dos

¹ A mesa foi realizada em 11/09/2014 às 9 horas, mediada Dra. Maria Conceição da Costa (DPCT/UNICAMP), com apresentações da Dra. Maria Margaret Lopes (PAGU/UNICAMP) e Dra. Martha Zapata Galindo (Freie Universität de Berlin). A Dra. Rebeca Feltrin, que atuou como pesquisadora do projeto Miseal, tem sido uma colaboradora de nossa atuação nos estudos de GCT.

anos um grupo grande de alunas/os, os quais hoje são doutorandas/os ou doutoras/es que trabalham nessa temática.

Debate: relações entre gênero, ciência & tecnologia

Em primeiro lugar cabe lembrar - como destacou a Profa. Dra. Maria Margaret Lopes em muitas de suas apresentações - que, como pesquisadoras das temáticas de História da Ciência, Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia (ESCT), Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), não podemos considerar que existam ciências que não sejam humanas: não existem ciências e tecnologias que não sejam construções humanas, sociais. No entanto, sempre que nos referimos ao tema, precisamos justificar que não cabem as constantes polarizações entre ciências naturais, exatas, humanas, mas sim priorizar aquelas atividades científicas menos atrativas para as mulheres quer em termos de práticas, carreiras a seguir, quer em termos de reflexão crítica de parte das teóricas feministas ou das especialistas em relações de gênero ou dos estudos sobre as mulheres.

Como destacou a Profa. Dra. Martha Zapata Galindo², as relações de gênero permeiam as diversas áreas de conhecimento. Qual o papel das mulheres nas distintas áreas? Qual a relação entre homens e mulheres no campo da ciência? Quantas são, quantas estão incluídas, quantas excluídas? Esse tema continua a merecer nossa prioridade, particularmente, porque tem sido visto como um assunto menor dentro das ciências sociais, i.e., como se as mulheres já estivessem presentes nas ciências e que não houvesse mais nenhuma grande questão a ser levantada e/ou pesquisada. Os argumentos supõem que já existe uma quantidade

² Recuperamos aqui algumas das ideias centrais da apresentação da Profa. Dra. Martha Zapata Galindo, particularmente destacando suas observações a partir de sua participação na ANPOCS em 2012, em que constatou a importância das mulheres como pilares fundamentais da pesquisa no Brasil. Abordou em sua apresentação os movimentos sociais no campo acadêmico e como os estudos de gênero se ampliaram e deram espaço a temas que são importantes na atualidade, mas que há 20 anos não eram vistos como tão importantes.

razoável de mulheres na ciência, na pesquisa em geral, que as mulheres são líderes de projetos, têm bônus por realizarem muitas pesquisas relevantes, etc. É bem verdade que no Brasil, desde o começo dos anos 2000, o número de jovens pesquisadoras, no nível de Iniciação Científica, ultrapassou o número de homens. Mas destacamos que, como tema ou prática, esse assunto ainda não se esgotou. Artigos recentes sobre feminismo e atuação em disciplinas científicas e carreiras universitárias mostram que a política de austeridade europeia tem atingido centros de estudos de gênero, fechado centros de estudos, especialmente, na Inglaterra e diminuído, senão cortado, subsídios para investigações relacionadas aos estudos de gênero também em outros países da Europa. Assim, é interessante perceber que, em nome de uma política de austeridade econômica, mais uma vez as políticas de governo acabam incidindo diretamente sobre as mulheres.

Como salientou a Dra. Martha Zapata Galindo, muitas das preocupações sobre as intersecções entre ciência, tecnologia e gênero são comuns entre nós – Alemanha e Brasil – e especialmente ao Pagu, centro importante e de referência nos estudos de gênero no Brasil. Na Europa (e Alemanha, em particular), os feminismos – foram muitos, uma pluralidade incrível – que se iniciam com as pesquisadoras [mais teóricas], nos últimos anos ajudaram a formar outros tipos de grupos que, embora não tenham uma identidade política muito clara, têm adquirido uma posição importante. Importante porque contribuíram para que as mulheres pudessem ter acesso ao campo científico e que pudessem se desenvolver nesses espaços. Contribuíram também para que outros grupos marginalizados pudessem ter acesso ao campo científico. Entretanto, muito embora na Europa se tenha institucionalizado medidas de inclusão, os resultados ainda são deprimentes. O acesso, desde uma perspectiva interseccional, é ainda muito limitado.

Na Alemanha, essas discussões avançaram muito na última década e se constituíram por uma aproximação com o pensamento Luhmaniano e com a teoria crítica, trabalhando com

a teoria de interseccionalidade. Na União Europeia (UE), existem políticas de excelência, que apresentaram um crescimento expressivo a partir de 2006, mas atualmente assistimos à uma precarização das políticas interseccionais. Na Alemanha, ainda persistem diversas dificuldades nesse sentido, que incluem a precarização do trabalho das mulheres. A excelência científica se articula por meio da geração de fundos e programas (como o Horizonte 2020) que investem recursos para a investigação científica e assim se delineiam as pesquisas. A transversalização de gênero, assunto que consideramos importante, nos últimos anos tem se impulsionado pela interseccionalidade, que inclui o reconhecimento da diversidade e se posiciona com determinados marcadores de diferença – sexualidade, religião, etnicidade, raça, necessidades especiais, etc. Até 2008, na UE, apenas a Áustria havia aplicado as medidas propostas de inclusão e os demais países não aceitaram a política de cotas. Os novos membros da UE, países do leste europeu, não têm incorporado quase nada dessas medidas de inclusão até o presente. Os países da América Latina têm tratado de incorporar esse debate, buscando se articular de diferentes maneiras.

Para continuarmos discutindo sobre o tema da igualdade de gênero na C&T é importante buscarmos a articulação de três questões fundamentais:

- Quem faz o que e em que campo?
- Como são representados esses atores nos campos científicos?
- Como os atores são transformados em “heróis” na história da ciência ou são simplesmente esquecidos?

Assim, conscientes de um panorama mundial, da importância da história das instituições e do papel das mulheres nas ciências e nas tecnologias, temos que continuar nossa luta pela manutenção de centros de estudos feministas, como o Pagu, e pela maior visibilidade e espaço das mulheres nas áreas do conhecimento. Para contribuir nessa perspectiva, nos engajamos no projeto Medidas para Inclusão Social e Equidade em Instituições de Ensino Superior da América Latina (Miseal),

coordenado pelo Pagu em parceria com a Freie Universitat de Berlim (2012-2014). Seus objetivos foram promover processos de inclusão social e equidade em instituições latino-americanas, por meio da proposição de medidas para melhorar os mecanismos de acesso, permanência e mobilidade nas universidades, da formação de especialistas em inclusão e equidade e da articulação de uma rede de especialistas voltada às pesquisas conjuntas, colaboração e trocas entre universidades europeias e latino-americanas.

Um dos resultados importantes do Miseal foi a implementação da linha de Doutorado Estudos de Inclusão, Interseccionalidade e Equidade (ESIINE) na América Latina. O ESIINE consiste em um programa de cooperação internacional que envolve instituições de ensino superior da América Latina e da Europa em uma iniciativa inovadora que tem por objetivo fomentar estudos e pesquisas que enfoquem a multiplicidade de fatores que atravessam os processos de exclusão de diversos grupos populacionais do ensino superior na América Latina – as camadas mais pobres da população, pessoas com necessidades especiais, minorias étnicas/raciais, de gênero ou orientação sexual.

Nesse sentido, as diversas questões envolvendo o conhecimento situado, determinado pelas condições históricas de sua produção e de mobilidade, oferecem amplas possibilidades de comparação e de novos estudos. Estimulados por essa proposta, os/as colegas do DPCT/IG, do IFCH e do Pagu elaboraram duas das linhas de pesquisa ligadas ao ESIINE, que se referem à “Antropologia, corporalidades e tecnociência” e “A questão da ciência e da tecnologia nas Ciências Sociais”. Outro resultado a ser destacado é a construção do Observatório Transacional de Inclusão Social e Equidade no Ensino Superior (OIE), criado para ser uma ferramenta de monitoramento, produção e difusão de informações e para facilitar o intercâmbio entre instituições de ensino, pesquisadores, gestores, governos, atores da sociedade civil e entidades de atuação transnacional. O OIE possui uma missão normativa que busca incidir na formulação de medidas e políticas de inclusão social e equidade nas instituições de ensino superior locais.

Aprofundando nossos estudos sobre a América Latina, consideramos importante compreender como o campo dos ESCT e dos estudos de gênero – ambos com certa tradição na América Latina – têm se aproximado e como tal diálogo tem evoluído. Iniciamos um estudo sobre os congressos Iberoamericano de Ciencia, Tecnología y Género e ESOCITE³ e buscamos entender como os estudos de gênero têm conferido importância aos ESCT por meio da identificação de tendências, escolhas temáticas, dificuldades metodológicas, além de compreender em que medida, em alguns países da América Latina, os estudos de gênero conferem atenção aos estudos CTS (e os CTS, atenção aos estudos de gênero). Também buscamos analisar em que medida a produção latino-americana se divulga nas publicações periódicas que abrigam tais temáticas.

Entretanto, cabe destacar que é impossível desenvolvermos esse trabalho sem partir das críticas às visões tradicionais e persistentes sobre a Ciência e a Tecnologia. O termo gênero e ciência apareceu no final dos anos 1970 cunhado por Evelyn Fox Keller, autora que permanece ainda hoje como uma referência fundamental na área. Como lembrou Margaret Lopes, Donna Haraway – cujo conceito de ciborgue (Haraway, 1991) se popularizou como um ícone dessas discussões – nos propõe uma atenção à testemunha modesta (Haraway, 1996). O trabalho nos permite voltar no tempo em busca das raízes de posturas que reforçam os entendimentos da suposta neutralidade das ciências e tecnologias, as quais buscam excluir as pessoas corporificadas (com suas diversas sexualidades) dos entendimentos das ciências modernas. Donna Haraway divulga amplamente o livro da Elizabeth Potter para debater a questão.

A autora Elizabeth Potter nos oferece uma chave interpretativa para entender as relações de gênero e ciência.

³ O estudo apresentado preliminarmente no Seminário gerou o artigo de Maria Margaret Lopes, Rebeca Buzzo Feltrin, Bruna Mendes de Vasconcellos e Maria Cleófas Faggion Alencar, “Intersecções e interações: Gênero em Ciências e Tecnologias na América Latina” (2014:233-243).

Segundo Potter, em um contexto dos anos de 1600 na Inglaterra, onde proliferavam as identidades de gênero, a construção do personagem Robert Boyle como filósofo experimental pressupôs que ele assumiria a clara e binária distinção entre homens e mulheres, baseada em diferentes modéstias: modéstias que derivavam dos atributos do corpo, que caberiam às mulheres, e modéstias derivadas dos atributos da mente, que caberiam aos homens.

Os homens modestos, que exerciam suas virtudes da experimentação em espaços públicos estritamente regulados, deveriam ser autoinvisíveis de tal forma que seus corpos não contaminassem seus experimentos ou seus relatos sobre eles, conferindo credibilidade a suas descrições de outros corpos e minimizando a atenção crítica sobre si mesmos. Discussões ricas, profundamente engendradas, mas também muito pouco familiares, fizeram desaparecer por muito tempo os corpos do contexto científico, tornando quase iconoclastas as perguntas das teóricas feministas: “como associar gênero às ciências”. Essa é uma das ideias que permaneceram e continuam muito atuantes, embora pouco se refiram a elas. Tais convenções engendradas em torno da modéstia masculina da mente nas práticas experimentais, tornaram cada vez mais invisível qualquer conotação de gênero das ciências modernas. Transformaram o cavalheiro civil, urbano, celibatário, em um ideal assexuado que seria acriticamente partilhado e perseguido até mesmo pelas mulheres que se dedicaram às ciências nos séculos seguintes (Lopes, 2008).

Considerações finais

Todas essas questões sobre as inter-relações entre gênero, ciência e tecnologia, discutidas na ocasião do evento comemorativo dos 20 anos do Pagu, são subjacentes aos trabalhos que temos desenvolvido ao longo desses anos com o apoio desse núcleo de estudos. Ainda há um longo caminho a ser percorrido para uma maior inclusão das mulheres na ciência e tecnologia, mas é fato que já avançamos muito nessa direção. Nas últimas

décadas, houve uma ampliação enorme desses campos disciplinares, como pode ser observado no crescente número de publicações relacionando gênero, ciência e tecnologia, tanto em congressos científicos, quanto em publicações em revistas acadêmicas.

Como o conhecimento científico e tecnológico é situado, determinado pelas condições históricas de sua produção, os estudos comparativos, as cooperações em pesquisas, a mobilidade na pós-graduação, se colocam como possibilidades de consolidação do campo dos estudos de gênero, ciência e tecnologia.

Referências bibliográficas

- HARAWAY, D. A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century. In: HARAWAY, D. *Simians, Cyborgs and Women - The Reivention of Nature*, *Socialist Review*, 1991.
- HARAWAY, D. Modest witness: feminist diffractions in science studies. In: GALISON, P.; STUMP, D.J. (Orgs.). *The disunity of science: boundaries, contexts and power*. California, Stanford University Press, 1996, pp.428-441.
- LOPES, M. M. Outras leituras sobre a bomba de vácuo. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 15, 2008, pp.295-301.
- LOPES, M. M. et alii. Intersecções e interações: Gênero em Ciências e Tecnologias na América Latina. In: KREIMER, Pablo et. alii (org.). *Perspectivas latinoamericanas en el estudio social de la ciencia, la tecnología y el conocimiento*. Ciudad de Mexico, Siglo XXI, 2014, pp.233-243.
- LUHMANN, N. *Social Systems*. Stanford, Stanford University Press, 1995. [Traduzido por John Bednarz Jr. do original *Soziale Systeme: Grundriß einer allgemeinen Theorie*].